

Doenças emergentes /reemergentes (Leishmaniose tegumentar e visceral)

José Eduardo TOLEZANO

Instituto Adolfo Lutz, Divisão de Biologia Médica, Serviço de Parasitologia

Nas últimas décadas, a Saúde Pública tem sido desafiada a enfrentar novos e antigos problemas. Um considerável número de novas doenças ou mesmo antigas doenças “supostamente controladas”, denominadas emergentes, têm sido identificadas e, em ambas as situações, apresentando elevado potencial de disseminação.

Em várias partes do mundo, incluindo o Brasil, as leishmanioses enquadram-se nessa nova condição, seja pela expansão e disseminação dos focos naturais de transmissão, seja pelo ressurgimento de autoctonia em regiões endêmicas antigas.

As leishmanioses são consideradas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre as seis principais doenças parasitárias. Estimativas da OMS apontam para um contingente superior a 350 milhões de pessoas expostas ao risco de aquisição de leishmaniose e, o número de indivíduos infectados por *Leishmania* ultrapassaria 12 milhões em todo o mundo.

Muitos fatores são identificados como determinantes ou facilitadores do presente panorama sanitário e que explicariam, ao menos, em parte o risco e a expansão das leishmanioses. Atualmente, são cada vez mais rápidas e globais as transformações paisagísticas como também são constantes as transformações de hábitos, costumes e comportamentos.

Dentre esses fatores destacam-se:

- Aumento de migrações de populações humanas por causa de guerras e fome;
- Ação antrópica sobre o ambiente natural com destruição, diminuição de áreas florestadas;
- Urbanização dos ciclos de circulação e transmissão de *Leishmania*;

- Suscetibilidade do hospedeiro (desnutrição, imunidade);
- Deslocamento passivo ou ativo de hospedeiros infectados;
- Introdução de animais domésticos e de populações humanas em focos enzoóticos primitivos;
- Mega empreendimentos de engenharia;
- Expansão das atividades relacionadas ao ecoturismo;
- Mudanças climáticas interanuais, aquecimento global.

Dessa forma, o próprio homem ao intervir na natureza acaba por estabelecer nichos ecológicos que favorecem a reprodução e dispersão dos vetores e reservatórios naturais de *Leishmania*, resultando no estabelecimento de novos focos de transmissão e situações epidêmicas de leishmaniose visceral, dificultando o seu controle e facilitando a sua rápida disseminação.

Os desafios de nosso tempo apontam para a necessidade de rápida identificação dessas situações; compreensão da dinâmica de circulação de *Leishmania* no ambiente endêmico e o desenvolvimento de estratégias adequadas do ponto de vista técnico-científico e operacional para o controle da parasitose.